

Lembra-ivos da história!

ISABEL LUSTOSA
Historiadora

pelos governadores depostos Miguel Arraes (Pernambuco) e Leonel Brizola (Rio Grande do Sul); e pelo líder comunista Luís Carlos Prestes.

Muitas pessoas tiveram seus direitos políticos cassados, ou seja, não poderiam se eleger, votar ou exercer qualquer atividade política no Brasil. Outras perderam seus empregos públicos, jornais e revistas foram fechados e a imprensa passou a ser feita sob censura. Mas esse primeiro momento da ditadura militar que duraria até Castelo Branco passar o poder a seu sucessor, o Marechal Costa e Silva, ainda foi leve na repressão se comparado aos outros dois governos que se lhe seguiram. Em dezembro de 1968, foi baixado o ato institucional número 5, pelo qual o congresso foi fechado e novas medidas repressivas adotadas. Começava a fase mais tenebrosa da ditadura mais cruel que o Brasil conheceu, com assassinatos, torturas bárbaras, estupros e sequestros sendo promovidos pelo próprio Estado.

Opapel dos EUA

Era um fenômeno latino americano, pois também havia dita-

duras nos outros países. Como elas se estabeleceram lá? Tal como aqui, com o apoio do governo norte-americano. No pós-guerra, os EUA intensificaram sua ação nos países periféricos para impedir o crescimento da influência ideológica da URSS rival e com ela, sua influência econômica. Teve início uma disputa continuada entre a URSS e os EUA que passou à história com o nome de Guerra Fria. Não houve enfrentamento direto entre as duas potências pois as guerras aconteciam no interior de países como a Coreia, o Vietnã e o Camboja e envolviam forças locais que as representavam ideológica e economicamente.

O Brasil e os demais países das Américas ficavam na área de influência dos EUA. A política que os EUA adotaram para os países latinos foi a de um grande irmão branco, protetor, solidário mas dominador. A partir de uma imprensa direitista e, em sua maioria, afinada com os interesses norte-americanos, uma intensa campanha foi feita no sentido de demonizar todos os comunistas, apontando-os como inimigos da democracia, ateus, con-

trários aos valores tradicionais das famílias do Ocidente. A revolução cubana de 1959, e o posterior alinhamento da ilha governada por Fidel Castro com a URSS, aumentou o temor de que a classe média ilustrada brasileira se tornasse cada vez mais simpática ao comunismo.

De fato, o charme juvenil de Fidel Castro e Che Guevara e o apoio que receberam da comunidade intelectual e acadêmica europeia, ao lado da difusão de obras marxistas nas universidades brasileiras, estimularam o fortalecimento da esquerda na América Latina. Intelectuais e artistas assumiram o papel de vanguarda atuando diretamente junto aos setores populares menos instruídos no sentido de despertar a consciência do povo para os seus direitos e de organizar sindicatos e cooperativas de operários e camponeses. O movimento estudantil foi impulsionado por essa onda bem como sindicatos de classe média como o dos bancários e o dos professores. A mobilização que tinha nas universidades e nos sindicatos suas maiores lideranças, envolvia ainda al-

guns militares nacionalistas e setores da Igreja Católica.

A possibilidade de que essas forças se organizassem e se unissem vindo a obter uma considerável representação no Parlamento – o que ameaçava acontecer no Brasil e nos demais países latino-americanos – levou a uma ação coordenada do governo norte-americano, através da CIA, no sentido de fomentar e apoiar golpes militares nesses países. Ninguem nas Américas tinha força para enfrentar a força do poderio armado dos EUA. O Brasil, que era o mais rico da região, era ainda assim um país pobre cujo processo de fortalecimento econômico fora interrompido por influência dos EUA no governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra.

A herança de 54

O governo de Getúlio Vargas, que fora eleito presidente em 1951, tivera como principal bandeira a campanha “O petróleo é nosso!”, com base na qual foi criada a Petrobras. Havia então no mundo um grande interesse – como há ainda hoje, aliás – na exploração do petróleo. Tanto as grandes fábricas de automó-

vel como as principais empresas exploradoras de petróleo ficavam nos Estados Unidos. Esses grupos queriam garantir o controle sobre a exploração dos combustíveis fósseis no resto do mundo. A Petrobras e todas as outras políticas voltadas para proteger as riquezas de nosso subsolo contrariavam esse interesse que tinham no Brasil seus representantes.

O partido que emergira durante o curto reinado da queima de divisas de Dutra, a UDN, patrocinada por grupos estrangeiros e associada à grande imprensa, promoveria violenta campanha de difamação contra o presidente Vargas e seus aliados. O trabalhismo se organizava em um partido, o PTB, e o ministro do trabalho de Vargas, João Goulart, anunciaria o salário mínimo de US\$ 100, o que provocara a revolta das elites e da alta classe média. A campanha contra Vargas, baseada em supostos escândalos de corrupção e veiculada pelos grandes jornais brasileiros enfraqueceu o seu governo. Seu suicídio em 24 de agosto de 1954, no entanto, atrasou em dez anos o golpe.

isabellustosa@gmail.com

TEATRO DE RUA

Bonecos encenam Paixão

Após uma semana de apresentações em diferentes espaços de Fortaleza, o espetáculo “Paixão de Cristo segundo o negro Cassimiro Coco”, do Grupo Formosura de Teatro, encerra o circuito de encenações amanhã (3), imprimindo, na cidade, um maior destaque à arte do teatro de bonecos.

De forte cunho itinerante e com o apoio da Secretaria de Cultura do Ceará (Secult-CE), a montagem será executada a partir das 9h na Feira do bairro Antônio Bezerra, onde partirá, ao término, para o Conjunto Ceará, iniciando nova exibição no lugar por volta das 11h. As encenações serão as últimas de uma temporada que começou no dia 23 de março.

“Foi o primeiro ano que começamos a apresentar o espetáculo e o resultado tem sido bem positivo”, comenta Graça Frei-

tas, diretora e produtora do Grupo Formosura. Muito da boa recepção do público deve-se, segundo ela, ao fato de a montagem valorizar a cultura regional, começando pela representação dos bonecos: Jesus, na esquete, é negro, bem como sua mãe, Maria.

Nas palavras de Graça, “escolhemos esse tipo de caracterização dos dois personagens para desmitificarmos o estereótipo representativo europeu que geralmente os acompanha. Além disso, damos destaque também à figura do mamulengo, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como parte do legado imaterial da cultura brasileira”.

Estruturação

A preferência em se apresentar nas praças da Capital reforça a atuação sistemática que o Formosura de Teatro empreen-



Bonecos elaborados para o espetáculo “Paixão de Cristo segundo o negro Cassimiro Coco”: versão da Paixão tem protagonistas negros

de junto às comunidades. Por isso mesmo, há um forte destaque, nas encenações da companhia, no componente popular, fato este que se revela na estruturação do espetáculo: ao som de músicas regionais, os principais momentos da história de Jesus Cristo desenrolam-se rapidamente, em torno de 25 minutos, dando oportunidade aos transeuntes de acompanhar toda a história.

Abriendo e finalizando a apresentação está o negro Cassimiro Coco, delineando, com muito bom humor, a narrativa que se desenrolará às vistas do público.

“Nosso intuito é resgatar essas expressões populares que, com o tempo, infelizmente se perderam. E o mais interessante é que as pessoas, ao verem o boneco de Jesus negro, não estranham. Pelo contrário, levam isso com muita naturalidade, o que nos faz também passar ao público a importância de se combater o racismo, esse mal ainda tão presente na sociedade”, comenta Graça.

O espetáculo, então, vem para refinar os aspectos ético e estético da arte popular, investindo em um diálogo frontal com a plateia ao mesmo tempo que brada: valorizar nossa cultura é preciso!

Ofício teatral

Iniciando suas atividades em 1985, o Grupo Formosura de Teatro constitui-se hoje como uma relevante e ativa companhia teatral cearense.

Para além de seu ofício principal, o grupo empreende em sua sede oficinas de teatro de bonecos e capoeira, ambas voltadas para o público infanto-juvenil, assíduo frequentador do espaço.

Almejando ampliar a valorização da arte local, Graça afirma: “Precisamos de uma política cultural mais forte que dê conta, inclusive, de expressões populares como essa, do teatro de bonecos. Só assim poderemos chegar aos lugares onde ninguém vai e levar a riqueza dessa arte que, com o devido destaque, deve ir longe”.